

Territorialização da bolivianidade: imigração na região metropolitana de Belo Horizonte-Minas Gerais

*Juliana Carvalho Ribeiro**

1 INTRODUÇÃO

Todas as grandes realizações da ciência, todas as mais estupendas descobertas, foram, simultaneamente, fundamentadas na obstinação e no sonho, na capacidade de articulação intelectual e na fantasia que idealizam um mundo melhor a ser descortinado pelo esforço criativo.

Cássio Hissa

Idealizar um mundo melhor está entre os objetivos dos estudos acadêmicos e destacam-se, aqui, os estudos demográficos. O ato de nos debruçarmos sobre os processos migratórios requer um sentimento de empatia para com os sujeitos migrantes. Mais do que isso: por sermos todos migrantes — porque migramos, uma vez que essa é uma possibilidade sempre existente, ou porque a migração desenhou a história de nossas famílias com laço sanguíneo ou não —, torna-se, também, autorreflexão. Refletir sobre os processos migratórios é pensar sobre nós mesmos e é lutar por um mundo mais justo.

A condução da realidade da população migrante e a sua adaptação ao novo espaço da migração (BAENINGER, 1999) deveria se dar de forma diversa à que se observa nos grandes centros urbanos que normalmente a recebem: com maior respeito a esses sujeitos e mais empenho pela sua integração à sociedade receptora, para que consigam viver de forma digna. “Vergonha, medo, desprezo pela própria condição social, [...] a aceitação inexorável de sua condição degradada propõem como necessidade esse trabalho de recondução de novas formas de sociabilidade e de relações sociais” (DAMIANI, 2008, p. 50).

O presente artigo traz partes da tese de doutorado da autora e tem como objeto de reflexão a imigração boliviana na região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH-MG). Compreender a presença boliviana na RMBH-MG é passo fundamental para que esses sujeitos saiam da invisibilidade e sejam tratados com empatia, dignidade e respeito.

* Pós-doutoranda no Observatório das Migrações em São Paulo/Núcleo de Estudos de População Elza Berquó (NEPO-IFCH-UNICAMP), sob supervisão da professora doutora Rosana Baeninger. Membro da equipe do Observatório das Migrações em São Paulo.

Como indivíduos e como coletividades, migrantes suscitam posições contraditórias — sobre sua chegada e permanência — entre os membros das sociedades receptoras. Defende-se aqui que migrar é um direito, dadas as condições nas quais as fronteiras foram estabelecidas: pela sociedade, por imposição e para dominação. Elas definem territórios, sendo desdobramentos políticos de disputas territoriais. O mundo natural não tem fronteiras, elas foram construídas artificialmente (BASSO, 2013).

Portanto, as fronteiras nacionais — organização política europeia imposta aos países colonizados na Ásia, na África e na América — foram produzidas e geraram desdobramentos políticos e socioespaciais. Nesse sentido, percebe-se como as fronteiras de Estados-Nação foram marcadas por conflitos geopolíticos significativos que também explicam a origem de grandes movimentos migratórios. Grifa-se aqui, para além disso, que a realidade migratória é delineada, muitas vezes, por conflitos de toda natureza — territoriais, sociais, étnicos, laborais, econômicos, políticos, institucionais, psicológicos, emocionais.

O Brasil revela tais conflitos e apresenta, ao longo de sua história, realidades migratórias concernentes a cada contexto. Sua atual realidade migratória revela um quadro complexo, com os impactos da migração fronteiriça que apresenta seus primeiros sinais. Brasileiras e brasileiros continuam saindo do país, mas, também, outros retornam e, somados a eles, chegam ao País migrantes de diversas partes do mundo, sobretudo da América Latina, entre os quais, as bolivianas e os bolivianos:

[...] o Brasil reabriu suas portas para o debate acerca da imigração internacional. Em um primeiro momento, tratou-se de focalizar o país como emissor de população para países desenvolvidos, e foi justamente nesse contexto que a imigração boliviana foi decisiva para o reconhecimento da sociedade brasileira também como receptora de novos contingentes de imigrantes (BAENINGER, 2012a, p. 7).

Essa realidade consolida-se nos anos 1990, a partir da nova conjuntura geopolítica do mundo, que deixa de ter uma configuração de poder bipolar. Até então, os países capitalistas do Norte tinham políticas ativas de atração de migrantes, fazendo um uso político-ideológico da recepção de refugiados. Porém, com a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas — a antiga União Soviética —, a perda de expressividade do socialismo se fez acompanhar da perda de interesse nessa recepção.

Essa realidade corrobora a reflexão de Santos (2011) referente à noção de “aldeia global”. O autor desmistifica esta proposta, apresentando a “globalização como fábula” e apontando que é falsa a ideia de que o mundo está disponível para o acesso de todas e de todos. A despeito da diversidade de lugares, o termo

“aldeia global”, cada vez mais proferido, sugere homogeneidade no acesso a eles, mas, ao contrário disso, os países impõem restrições às migrações internacionais de forma cada vez mais intensa.

Nesse ínterim, o subcontinente sul-americano torna-se alvo desses migrantes que buscariam os países hegemônicos. É nesse contexto que ganham importância as migrações Sul-Sul (PHELPS, 2014) — configuradas pelo movimento cada vez mais vigoroso de migrantes entre os ditos Países do Sul. Composto esses novos fluxos migratórios, conforme já mencionado, encontram-se fluxos bolivianos que se dirigem para o Brasil.

Bolivianas e bolivianos, que já eram vulneráveis em seu país de origem, veem essa condição se aprofundar com a superexploração do seu trabalho quando da sua chegada na capital paulista — principal porta de entrada para migrantes internacionais —, bem como com os constantes ataques xenorracistas¹ de nacionais voltados a esses sujeitos. Eles encontram na migração interna uma oportunidade para atenuar essa condição, promovendo a recente interiorização desse fenômeno (FREITAS, 2014). Dificuldades laborais e sociais impelem, portanto, migrantes estabelecidos em São Paulo-SP a uma migração interna como uma busca por mais uma solução geográfica para fugir da vulnerabilidade extrema à qual se veem submetidos.

Muitas vezes, bolivianas e bolivianos migram, primeiramente, dentro do estado de São Paulo. Como as dificuldades permanecem, os sujeitos da pesquisa são impelidos a continuarem seus processos migratórios — do interior do estado de São Paulo, sobretudo de Americana e Nova Odessa (RIBEIRO, 2021) ou direto da capital paulista — para regiões metropolitanas de outros estados e, dentre elas, destaca-se a RMBH-MG. A desterritorialização em São Paulo e a reterritorialização na RMBH-MG revelam-se resistência à superexploração naquele estado e busca de melhor qualidade de vida neste novo espaço da migração (BAENINGER, 1999) boliviana.

Como as migrações constituem um processo essencialmente dinâmico e em constante construção, faltam-nos dados coesos e precisos para analisá-las, o que faz das entrevistas eficiente e imprescindível recurso metodológico. Sobretudo quando se trata de novos fluxos migratórios, a dificuldade em encontrar bases de dados para acompanhá-los se amplia. Entrevistas permitem compreender e desenhar a história, cumprindo o fundamental papel da ciência de ouvir as vozes dos sujeitos da pesquisa. Para que esse estudo fosse possível, buscou-se contato com a população migrante boliviana na RMBH-MG, feito via observação *in loco* e entrevistas qualitativas. Ouvir as vozes dessa população marginalizada permite que ela saia da invisibilidade, ao mesmo tempo em que combatem o xenorracismo.

Desta forma, a partir deste estudo, foram realizadas pesquisas de campo na RMBH-MG, em 2019, complementadas por entrevistas por telefone, em 2020, para acompanhar os desdobramentos da pandemia de Covid-19 para essa população. A observação *in loco* permitiu a aproximação com os sujeitos

da pesquisa, além da compreensão das relações estabelecidas entre eles como comunidade, bem como entre esses sujeitos e o espaço. Recorreu-se à história oral, resgatada junto aos migrantes por entrevistas² semiestruturadas, gravadas e transcritas.

2 A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA NO BRASIL E SUA INTERIORIZAÇÃO

Para a análise das migrações internacionais, a própria construção do fenômeno social em sua articulação escalar transnacional redefine conceitos e perspectivas teóricas explicativas.

Rosana Baeninger

Para compreender a imigração boliviana no Brasil — e, mais especificamente, na RMBH-MG — é necessário reduzir a escala para alcançar uma visão global do fenômeno. Baeninger (2014) nos convoca a refletir sobre novas perspectivas teóricas e explicativas a respeito dos movimentos migratórios no seu contexto escalar transnacional. A migração boliviana contemporânea inscreve-se na nova pauta das migrações transnacionais, constituindo o que se tem chamado de “novos fluxos migratórios” (ASSIS; SASAKI, 2001).

Conforme já mencionado, esta migração está inscrita ainda nas migrações Sul-Sul (BAENINGER et al., 2018; 2014; PHELPS, 2014), que vêm se intensificando e mobilizando capital e força de trabalho (SASSEN, 1998). Como desdobramento desta nova configuração migratória, percebe-se grande aumento da presença de migrantes nos e entre os Países do Sul, impulsionados pelo capitalismo financeiro, essência da Era da Mobilidade (CORTÈS; FARET, 2009). Trata-se de uma nova etapa do desenvolvimento do capitalismo e do processo de internacionalização da economia (PORTO-GONÇALVES, 2012). A imigração boliviana no Brasil, portanto, não se caracteriza como migração de vizinhança ou fronteira (BAENINGER, 2012b), mas se redesenha sob o conceito dos “periféricos na periferia” (BASSO, 2013).

Viver em uma metrópole global como São Paulo-SP torna-se o sonho de muitos latino-americanos que se veem em desalento, seja pela miséria do seu país, pelas injustas e desiguais estruturas sociais, por instabilidades políticas, por questões religiosas, por desastres ambientais, por motivações econômicas e laborais ou de qualquer outra natureza. Tais fatores contribuem para diminuir as possibilidades de “resistência territorial” (CORTÈS, 1999, p. 267), conceito que remete à manutenção da população local no país de origem. Entre os países que demonstram esta fragilidade e cuja população vem marcando presença no Brasil, Fernandes (2015, p. 32) chama atenção para a Bolívia: “Diversos fatores impulsionam a emigração de bolivianos com destino ao Brasil, dentre eles, pode-se destacar a estrutura social e econômica deficitária da Bolívia,

além da instabilidade política e da miséria que afeta diversas regiões do país”. As metrópoles revelam, porém, expressões de uma organização espacial segregada e perversa, onde a população migrante tem dificuldades para se inserir e viver dignamente.

Pensando sobre a imigração boliviana no Brasil e suas espacialidades de origem, percebe-se que ela não se refere ao clássico êxodo rural. As origens são espacialidades urbanas — principalmente La Paz, mas também outras cidades como Santa Cruz de la Sierra e Oruro — que não projetam direitos, que não incluem o seu povo, que não oferecem oportunidades econômicas e laborais capazes de enraizar sua população, o que alimenta a cultura migratória. São pessoas que migram sem uma trajetória histórica de reconhecimento de si mesmos como sujeitos de direitos — cidadãos. Isso se torna relevante, pois tal população adentra o território brasileiro sem nenhuma referência de inclusão e, também por isso, muito vulneráveis às condições sociais, econômicas e espaciais impostas (RIBEIRO, 2021).

São Paulo-SP ainda se revela o principal destino de migrantes no Brasil. Metrópole global imponente, acompanhou o crescimento e a projeção geopolítica brasileira ao longo dos últimos anos. Como não podia ser diferente, por reunir tantas pessoas e tantos serviços, também sentiu de forma mais vigorosa — em extensão e em profundidade — os reflexos da crise capitalista que o mundo vem vivenciando desde 2008.

Por outro lado, a despeito de crises econômicas e políticas, São Paulo-SP permanece promovendo a atração de migrantes. Dialeticamente, promove também a sua segregação espacial, gerando contradições, dificuldades e esperanças. Provoca adensamentos econômicos e políticos, indicando que não são apenas as possibilidades dadas pela concentração física que reúnem as pessoas, mas, sobretudo, as perspectivas de vida implícitas num determinado espaço — sobretudo em uma metrópole.

Migrantes bolivianas e bolivianos são expressões dessa lógica dialética. Esses sujeitos, presentes no cotidiano de São Paulo-SP³, rapidamente se revelam marginalizados, inferiorizados, invisibilizados. Ao mesmo tempo, em São Paulo-SP, eles encontram possibilidades de sobrevivência, apesar das inúmeras dificuldades (SILVA, 2006). O espaço, portanto, atrai e repele. Migrantes carregam sua condição de marginalização social, condição que não é — e que está longe de ser — superada, simplesmente, pelo deslocamento espacial. Tal condição, responsável pelo deslocamento, acompanha esses sujeitos e não se desfaz quando eles alcançam o espaço ao qual se destinam. A despeito da resistência que apresentam, permanecem à margem, distantes dos direitos idealizados no momento de abandono do seu território natal.

Considerando-se essa contextualização, grifa-se ainda que a inserção das localidades na divisão social e territorial do trabalho (BAENINGER, 2014) contribuiu em nível nacional, regional e local, para a configuração de espaços urbanos selecionados (SASSEN, 1988). Tomando esta afirmativa como norte e trazendo

a reflexão para o contexto global, tem-se que a migração Sul-Sul boliviana se (re)configura a partir de territórios circulatórios (TARRIUS, 2009), nos quais se conectam diferentes escalas locais, regionais e globais, vinculadas ao nicho da costura (WALDINGER, 1994). Sob esta ótica, a RMBH-MG insere-se nas migrações internacionais, revelando-se parte do circuito da costura, segmento que ocupa bolivianas e bolivianos.

Postos em movimento pelo mercado da costura, ou para resistirem ao xenorracismo e para se desvencilharem das amarras da superexploração da sua força de trabalho, ou, ainda, para fugir da já mencionada crise sentida mais fortemente em São Paulo-SP, migrantes bolivianas e bolivianos que viviam nesta metrópole ou no interior do estado de São Paulo — sobretudo Americana e Nova Odessa — iniciam um novo processo migratório, e um dos espaços que se destacam é a RMBH-MG. É nesta nova realidade que Belo Horizonte-MG emerge como importante espaço da migração da atualidade para a imigração boliviana (FERNANDES, 2015; CASTRO; FERNANDES, 2014), que revela a vivência da cidade pelos seus sujeitos de maneira diferenciada.

A presença boliviana concretiza a imposição da presença desses sujeitos, e os “espaços da bolivianidade” de Grimson (2006; 2005; 1997) subsidiaram a identificação do processo que foi nomeado como “territorialização da bolivianidade” (RIBEIRO, 2021). De acordo com Grimson (2006; 2005; 1997), os “espaços da bolivianidade” representam a união de bolivianas e bolivianos para construção de suas identidades, enquanto vivem — fisicamente — distantes do seu país de origem, como apontado em seus estudos sobre esta presença em Buenos Aires-Argentina. A produção destes espaços vincula-se estreitamente à inserção e à prática laboral desses sujeitos na indústria têxtil. Outros estudiosos, também referências em migrações transnacionais bolivianas, ocuparam-se da emergência desses processos pelo mundo, como De la Torre Ávila (2004) nos Estados Unidos, e Hinojosa Gordonava (2009; 2008) e Baby-Colin et al. (2011) em metrópoles espanholas.

Os “espaços da bolivianidade” (GRIMSON, 2006; 2005; 1997) permitem que migrantes bolivianas e bolivianos mantenham-se conectados à sua origem, visto que estabelecem relações simbólicas e materiais a partir desses espaços com o seu país — a Bolívia. Isso ocorre de diversas formas, como com o compartilhamento de comidas típicas, cultivando hábitos alimentares e intensificando a sociabilidade vivenciada nestes locais; com a prática linguística do espanhol, já que conversam, nesses espaços, utilizando o idioma pátrio; com o uso de vestuários e o emprego de outros hábitos típicos da terra natal, entre outros exemplos.

Quando migrantes se mantêm em contato com seu país de origem — utilizando, por exemplo, tecnologias de comunicação —, o urbano os reúne para além do país onde estão fisicamente. No novo espaço da migração (BAENINGER, 1999), esses sujeitos encontram inúmeras dificuldades. Para superá-las, eles se identificam entre si e com o território, apropriando-se de partes dele e produzindo territorialidades, que se apresentam como concretização da sua resistência.

Toma-se aqui a *territorialidade* como uma construção social da presença migrante boliviana. A migração é essencialmente uma questão política e produz espacialidade de disputa (SAYAD, 1998). Pela forma como são recebidos pela sociedade brasileira — sob uma “*exclusão aviltante*” ou uma “*inclusão extremamente precária*” (COSTA, 2011, p. 17) —, territorializam-se buscando conquistar seu espaço, negado pela perversidade do cotidiano na metrópole. Dessa forma, para analisar a presença boliviana na RMBH-MG, tomou-se como norte a produção de territorialidades por bolivianas e por bolivianos no recorte espacial da pesquisa, uma vez que elas expressam a “*territorialização da bolivianidade*” (RIBEIRO, 2021).

3 A “TERRITORIALIZAÇÃO DA BOLIVIANIDADE” NA RMBH-MG

*Soy un pájaro migrante
En un vuelo largo y triste
Voy buscando en estos suelos
Libertad y razón de vivir*

*Canto a la Virgen de Copacabana
José Bolivia*

O canto à Virgem de Copacabana traduz sentimentos e desejos de migrantes. A tristeza pelas saudades da terra natal acompanha a quase totalidade dos sujeitos que precisam deixar seu lar e viver em outro país, sob outras leis, e mergulhados em outra cultura. E a busca por “*liberdade e razão de viver*” move os sujeitos migrantes, que concretizam sua presença a partir da configuração de territorialidades.

No caso da imigração boliviana na RMBH-MG, as territorialidades produzidas se concentram no território metropolitano periférico. Sua presença expressa a “*territorialização da bolivianidade*” (RIBEIRO, 2021), com dimensões que articulam o tripé *periferia metropolitana-trabalho-moradia*, incluindo o acesso a serviços básicos — educação e saúde públicas — e de lazer. Bolivianas e bolivianos que vivem seus cotidianos na RMBH-MG contaram suas histórias, e as suas vozes permitiram e guiaram as análises demográficas e territoriais propostas neste estudo.

A RMBH-MG emerge, conforme já discutido, como nova possibilidade para trabalho — com melhores rendimentos em relação aos experimentados em São Paulo, mesmo que esses ainda sejam baixos. É, portanto, uma “*saída*” geográfica encontrada por esse grupo social. As informações propagando a realidade da migração para a RMBH-MG — sobretudo as vantagens laborais —, começam a chegar, aos poucos, aos conterrâneos na Bolívia, aumentando a sua atratividade e incrementando a migração direta. O novo fluxo se fortalece (RIBEIRO, 2021).

Nessa tentativa de melhoria da qualidade de vida, em solos mineiros, migrantes bolivianas e bolivianos inserem espaços da RMBH-MG no seu espaço de vida, e compreendem, aos poucos, o quanto a identidade e a união entre eles são importantes para o seu processo de territorialização, conforme explicitado pelo interlocutor⁴ da pesquisa:

Antigamente, era muito difícil. Tinha um grupo por aqui, outro por allá... Tem uns que moram em Metropolitano, outros em Neves, em Veneza... E não juntávamos. Era tudo boliviano, mas não juntava... Aí, conversamos... Eu sou o mais velho de tudo, aí respeito que ganhei... aí juntamos (Hugo).

Este processo de reterritorialização acabou por ser favorecido pelo custo da terra e pelo custo de vida em Belo Horizonte-MG. Devido ao fato de ambos serem muito elevados, os primeiros migrantes que chegaram não se instalaram nesta metrópole, mas se territorializaram em seu entorno, concentrando-se em áreas pontuais da sua região metropolitana. Desta forma, as redes migratórias se articulam na periferia em função do menor custo de vida nesta espacialidade.

Ribeirão das Neves-MG destaca-se amplamente entre as cidades da RMBH-MG que abrigam migrantes bolivianas e bolivianos. Outros espaços periféricos também são escolhidos para moradia. O elevado índice de violência desses territórios contribui para que o custo da terra seja reduzido, atraindo pessoas financeiramente vulneráveis, tais como são os interlocutores desta pesquisa. Esta atração possibilitou a concentração de migrantes bolivianas e bolivianos, concretizando o estabelecimento de territorialidades, o que pode ser percebido pelo relato de Ângela, liderança comunitária do bairro Veneza, em Ribeirão das Neves-MG:

[...] eles interagem mais entre eles. Só entre eles... Até pra morar eles moram perto... Geralmente eles alugam. E tem a oficina deles na própria casa deles...

Ao se concentrar em áreas periféricas, porém, a maior parte da população boliviana na RMBH-MG ocupada na costura precisa se deslocar até Belo Horizonte-MG, onde está a sua fonte de renda:

O problema agora é que você tinha que buscar em Belo Horizonte o serviço... Aí eu já tava morando aqui tinha um mês, já fiz a mudança [...] Só que agora, meu problema era aqui. E os meninos aí, tinham uns bolivianos, que não queriam saber nada de falar como que era, né? O movimento aqui... Então eu que tinha que sair allá e procurar. [...] Eu cheguei conhecendo nada. Aos poucos

tinha que conhecer... e aquele boliviano [amigo do interlocutor] lá falava, e eu procurava, e foi assim... porque a gente conhece porque a maioria que vem pra cá trabalha é com costura mesmo (Álvaro).

Eles atendem aos dois bairros de Belo Horizonte-MG tidos como polos mineiros da moda: o Barro Preto e o Prado. Diversas foram as dificuldades que migrantes bolivianas e bolivianos precisaram enfrentar na sua chegada a Belo Horizonte-MG para conseguirem se firmar profissionalmente e aprofundar o processo de reterritorialização nesse novo espaço de vida. As pessoas entrevistadas enfatizaram, primeiro, a difícil busca por contratantes dos seus serviços de costura e, depois, a necessidade de ganharem a confiança dos responsáveis pelas lojas para que o serviço não lhes falte:

Era difícil sim [conseguir trabalho na costura em Belo Horizonte-MG], no início... A gente tem que ir a procurar... É difícil porque eles mesmo [contratantes] desconfiam. Todas as personas desconfiam. Aí despues liberam somente 20 peças, 15 peças. [...] despues que você entrega su trabalho, eles mesmos vêm, olha como é que está... Aí liberam um pouquinho mais... Aí você também avisa onde que mora. O seu endereço... Tudo isso. Aí eles libera... Se você está trabalhando direitinho, fazendo tudo direito. Porque as roupas también não pode... tem que ficar bem feito (Paloma).

A despeito de todos os problemas, observa-se o aumento da atração de migrantes bolivianas e bolivianos para trabalhar na costura, atendendo ao mercado da moda mineiro e contribuindo para a concretização da RMBH-MG como o mais recente nó da rede migratória boliviana:

Isso foi 2007, 2008... Nessa época que começou a chegar muita gente! Igual eu, chegou muita! Aqui em Ribeirão das Neves. Igual eu, chegou muita! Até que aonde eu pegava o serviço, nem perguntava o nome do boliviano que chegava! (risos). Já dava tudo! A chefe me chamou lá e falou: 'ô Álvaro, tem um cara que queria cobrar duas vezes, como que é isso daí?'. E eu: 'uai, quando eu cheguei, você queria saber tudo, até o nome de minha avó... depois eles queria trabalhar e você entregou! O problema é seus. Que vocês... nem todos boliviano são igual... Sempre tem um boliviano que... sei lá... que tem outra mentalidade... sei lá... já não é comigo... pisou na bola! Pisou! Você não perguntou tudo pra mim? Você queria falar até com o coreano que eu trabalhava lá em São Paulo!'. Ligou! Ligou

na hora! Ligou e tal... Não sei o quê que ela falou com o coreano lá... Mas depois que nós começamos a trabalhar, e chegou os boliviano, e como tinha serviço allá, muito, ela nem perguntava mais. Era assim: 'ah, você é boliviano, então tá bom!'. Nem o nome ela perguntava mais (Álvaro).

Já tem já... uns cinco años atrás [...] que eu vim pra cá. [...] Quem chegou primeiro e que é seu amigo te indica e aí a gente só tem que fazer o trabalho bom (Enzo).

Emaranhados nessa teia, estabelecem-se na RMBH-MG e, independentemente de já terem rompido ou não o ciclo de superexploração, têm o espaço de moradia e o espaço de trabalho em um mesmo local. Esta realidade contribui para a degradação da qualidade de vida, mesmo trabalhando de forma autônoma, uma vez que esses sujeitos, por estarem em casa, acabam dedicando muitas horas à costura, tendo cargas de trabalho exaustivas. E, quando independentes, na busca por serviço, a territorialidade construída a partir das moradias próximas e do elo cotidiano entre eles se faz presente. Isto ocorre em diversas situações, como quando migrantes bolivianas e bolivianos compartilham entre eles o excedente de serviço:

[...] com bolivianos, sempre tem uma relação. Vamos supor... sempre tem algum conterrâneo meu telefona... então a pessoa me liga: 'ô, Álvaro, você tá sabendo daquilo? Então, eu tô sabendo... então, deixa eu passo na sua casa, nós conversa.'. E eu: 'tá bom, nós conversa...'. Então, questão de serviço, mesma coisa! 'Ô cara, ô Álvaro, eu tenho 200 peças e eu sozinho, eu não vou tomar conta. Você queres 100?'. 'Não, beleza, me passa 100... quanto que é tu preço?'. 'Não, é tal...'. 'Então, beleza, me dá aqui então.'. Ele me passa 100... e na mesma situação, eu, né? Ou então eu tenho 100... 'Ô, Álvaro, 100 não vai dar... me passa 50 o 25...'. Então, tem essa negociação, essa relação de qualquer coisa, de serviço, uma informação que tá precisando... (Álvaro).

Ela pega um serviço e me passa uma parte dele. É assim... é tipo assim (Anita).

Assim, eles fortalecem o grupo e consolidam a presença da imigração boliviana no mercado da costura na RMBH-MG, para que outros não possam ocupar esse espaço de demanda. Ou seja, ao invés de informar ao contratante que a demanda está acima do possível para eles, eles a aceitam e repassam para outros migrantes bolivianos, o que também aprofunda a territorialidade deles nesse mercado e na RMBH-MG. Ainda revelando a importância do estabelecimento

de territorialidades, membros de uma mesma família frequentemente se unem para se fortalecerem laboral e economicamente, dando subsídios para o início da nova vida fora da Bolívia, mais independente e mais distante da exploração do seu trabalho de forma análoga à escravidão:

Mi primo. Él que me trae. [...] No necesito irme [procurar serviço em Belo Horizonte]. Mi primo que va. Todo está a su nombre y facilita. [...] Mi primo me ayuda mucho. Desde que me traje, me ayuda mucho. No podría soportar estar aquí, lejos de mi familia, si no fuera por él. [...] En un momento, si todo va bien, busco a mi familia para vivir y trabajar con mi familia aquí (Pablo).

O estabelecimento de territorialidades revela-se resistência neste universo de vulnerabilidades no qual sujeitos da imigração boliviana estão imersos. O próprio fenótipo de bolivianas e de bolivianos — não ocidental — contribui para esta vulnerabilização, uma vez que esses migrantes são encarados, muitas vezes, com olhares estigmatizadores e racistas, como um marcador social de diferença hierárquica. A origem étnica não branca, muitas vezes, é utilizada de forma perversa para naturalizar a condição do migrante como inferior, o que dificulta o seu acesso até mesmo aos serviços básicos presentes nas cidades — como educação e saúde públicas —, aprofundando a precarização das suas condições de vida. De maneira mais ou menos explícita, o xenorracismo é amplamente manifestado por brasileiras e por brasileiros e sentido por migrantes, por “[...] reservar expectativas e lugares destacados a determinados imigrantes” (OLIVEIRA, 2019, p. 193). Ou seja, este sentimento também define territorialidades para os migrantes.

O alcance aos direitos humanos pelas pessoas migrantes — independentemente da sua cor, classe social, origem, ou qualquer outra característica — requer o engajamento e a escuta desses sujeitos e de suas experiências. Ao mesmo tempo, se a população migrante não for preocupação do Estado e objeto de políticas públicas migratórias — promovidas a partir da escuta da população migrante —, ela não será assistida e, muito menos, devidamente respeitada e valorizada. Assim, o processo de reterritorialização requer atuação ativa do Estado a partir da promoção de políticas públicas voltadas para essa população.

A educação pública — cujo acesso é direito garantido a migrantes, bem como os recursos vinculados a ela — poderia ser usada como ferramenta, norteador o planejamento voltado para essas pessoas para reduzir as suas dificuldades — inclusive as laborais. A educação poderia e pode ser, também, instrumento para avanços na integração e na socialização, que também favorecem o aprendizado do idioma, e “[...] teria como objetivo respeitar a diferença e reconhecer a

paridade de direitos, tendo como perspectiva uma educação para a alteridade, potencializando a igualdade de dignidade e oportunidade” (OLIVEIRA, 2019, p. 81). No entanto, ainda há muito o que ser feito. “Embora exista uma importante literatura voltada à Educação das Relações Étnico-Raciais, a relação entre racismo e o conjunto de conflitos vividos no cotidiano escolar ainda não foi suficientemente problematizada” (OLIVEIRA, 2019, p. 19).

A possibilidade de novos horizontes só acontece a partir do acesso à educação pública pela nova geração dos filhos de migrantes, o que é enaltecido pelos sujeitos da pesquisa. Porém, a segunda geração sofre consideravelmente na escola, onde vive dificuldades envoltas no universo educacional. Entre elas, destaca-se a xenofobia, que acaba por gerar conflitos dentro do espaço escolar, que não está imune às desigualdades sociais e às práticas de preconceitos:

[...] eu sei minha situação. [...] meu filho fala assim: ‘Ô pai, sempre me chamam de boliviano!’. E eu falo: ‘sempre vai te chamar de boliviano porque você é boliviano! E aonde você vai, vai chamar atenção. Isso é normal! Vai ser na universidade, na escola, você tem que acostumar, porque você não está na Bolívia, você está no Brasil.’. E sempre vai parar a pessoa pra te chamar: ‘ah, aquele rapaz é boliviano, aquele menino é boliviano!’. Então, você se acostuma com aquilo. Aquilo vai ser normal, tem que ser normal (Álvaro).

As crianças também estão em processo de reterritorialização e buscando compreender a sua identidade dentro de um novo lugar. O orgulho das suas origens, como demonstrado pela fala do pai da criança, revela-se resistência e ensinamento. É como se ele dissesse ao filho: você é um boliviano no Brasil, não tenha vergonha disso e saiba que você precisa se impor, em busca de uma interação social respeitosa e multicultural.

A resistência também revela-se necessária no acesso à saúde pública. Para além dos muitos problemas de gestão da saúde pública — que atingem nacionais e migrantes —, bolivianas e bolivianos enfrentam o xenorracismo:

[...] o que eu geralmente uso é medicina natural, que é de graça. Na internet e nos centros espíritas. Aí eu vou no centro espírita kardecista para consultar, me dão remédio. Na umbanda, eu também vou lá e tomo meus passes... **Eu confio mais nessa medicina porque lá não me olham cheios de preconceito** (Marco; grifo nossos).

[...] me chamam de boliviano porque chama atenção. Eu tô numa fila na lotérica, no posto de saúde, na padaria, e o pessoal: ‘você não é daqui não, você é boliviano!’. Então, [...] a gente passa dia-a-dia assim (Álvaro).

Esse preconceito para com os migrantes restringe ou dificulta seu acesso aos direitos já garantidos por lei. Eles não se sentem pertencentes, o que gera desconforto, insegurança e até traumas ao buscar o sistema de saúde. Conforme já discutido, o orgulho das suas origens pode ser recurso utilizado para resistência de bolivianas e bolivianos. Muitas vezes, ele é usado como ferramenta de luta, porque a identidade cultural e geográfica é parte do que eles são e, como eles não querem ser assimilados, fortalecer esse orgulho é uma forma de existir e resistir, além de produzir territorialidades. Uma forma de marcar suas existências e tentar fazer sua voz ser ouvida nos diferentes espaços que ocupam, devido a todo o xenoracismo experienciado cotidianamente, que nega a elas e a eles o direito de serem “um igual” em relação aos brasileiros, sobretudo aos nacionais considerados brancos que também carregam privilégios históricos do racismo estrutural e institucional.

As diversas violências que permeiam a realidade migrante — sofridas no âmbito educacional, no acesso à saúde, ou na convivência social de forma geral — impelem estes sujeitos à uma produção estratégica de territorialidades. Neste contexto, há a busca pelo espaço público para construção de pertencimento, abrigo, refúgio, encontros e segurança, contexto que permitiu a produção da principal territorialidade de bolivianas e bolivianos na RMBH-MG: a quadra Maura Pereira Andrade, no bairro Conjunto Henrique Saporì. Ela é a principal apropriação deste grupo migrante para os momentos de descanso — que acabam sendo muito mais do que descanso porque geradores de sentimentos e de vivências coletivas, em comunidade — e ocorre no espaço público de Ribeirão das Neves-MG, configurando a “territorialidade quadra-mundo” (RIBEIRO, 2021). Ali, bolivianas e bolivianos na RMBH-MG reúnem-se e vivem o seu mundo. Santos (2004, p. 314) defende que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”. Desta forma, o mundo dos sujeitos da pesquisa se expressa no seu cotidiano através deste lugar. A “territorialidade quadra-mundo” identifica e expressa a “territorialização da bolivianidade”, alimentada (também) pelo vínculo entre o local e o global.

A “quadra-mundo” vai além. Ela mantém os sujeitos da pesquisa conectados à origem e promove a reunião deles em comunidade, mas, para além disso, ela concretiza identidades, transformando aquele espaço em lugar para eles, em abrigo. Ela significa, também, organização social, ocupação e apropriação do espaço público, imposição de poder e visibilidade, resistência. Ela é, portanto, a principal expressão da cada vez mais consolidada “territorialização da bolivianidade” (RIBEIRO, 2021). Ela não está isenta, claro, de relações conflituosas e contraditórias, sobretudo por abrigar exploradores e explorados, que convivem nesta territorialidade. Isso só reafirma a sua importância para os interlocutores que, apesar disso, continuam frequentando-a.

Praticado, inicialmente, para servir de elo entre esses sujeitos — que buscam não só um lazer, mas, sobretudo, segurança — o futebol-resistência serve para os reunir, fortalecendo-os como grupo, e contribuindo para a produção e afirmação desta territorialidade. Na quadra e (também e sobretudo) a partir do futebol-

resistência, os sujeitos da pesquisa ganham notoriedade como produtores de lugar e de território — produzindo a “quadra-mundo”, que se apresenta como o principal espaço de sociabilidade da imigração boliviana na RMBH-MG.

Nessa territorialidade, observa-se o pertencimento em relação ao novo espaço da migração, oriundo das suas vivências, da própria dinâmica migratória, e ele se revela, principalmente, na forte presença do futebol em suas vidas, que se apresenta como representante da cultura brasileira e como expressão do desejo de reterritorialização, que é alcançada com essa configuração boliviana-brasileira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo está feito de histórias. São as histórias que contamos, escutamos, multiplicamos, que permitem converter o passado em presente e o distante em próximo, o que está longe em algo próximo, possível e visível.

Eduardo Galeano

O presente artigo propõe uma reflexão sobre a presença da imigração boliviana na RMBH-MG, compreendida à luz das histórias dos interlocutores da pesquisa de doutorado defendida pela autora em março de 2021. As narrativas foram analisadas tomando os interlocutores da pesquisa como sujeitos coletivos. Construímos, com generosidade e com gentileza, relações de confiança necessárias para a horizontalidade que os diálogos demandam e, assim, foi possível presenciar a “territorialização da bolivianidade” no recorte espacial da pesquisa, produzida com tanto afincamento para nutrir as raízes — mesmo que estejam tão distantes da terra que as sustentam — e para sua integração ao novo ao qual a migração os impele.

A migração boliviana contemporânea inscreve-se na nova pauta das migrações transnacionais e das migrações Sul-Sul (BAENINGER et al., 2018; 2015; 2014; 2013; PHELPS, 2014). Ela não se caracteriza como migração de vizinhança ou fronteira (BAENINGER, 2012b), mas se redesenha sob o conceito dos “periféricos na periferia” (BASSO, 2013). É neste contexto que o Brasil passa também a compor a rota internacional de bolivianas e de bolivianos, com início nos anos 1980 em São Paulo (SILVA, 2006) e, em anos recentes, se espalhando para diferentes localidades do Brasil vinculadas ao setor da costura. Por ser um fenômeno recente, a produção científica sobre ele ainda está começando a ser desenvolvida, diferentemente de São Paulo, onde é vasta esta produção, e isso implica na necessidade de o conhecermos.

Tarrius (2009) defende que a intensificação da circulação, a partir das reorganizações econômicas e financeiras contemporâneas, promove a socialização de espaços que sustentam o movimento migratório. Sujeitos constroem vínculos sociais a partir das identidades estabelecidas, e a noção

de “territórios circulatórios” faz alusão a espaços que são expressões desses vínculos. Assim, a RMBH-MG apresenta-se como um “território circulatório” por expressar a mobilidade de bolivianas e bolivianos na produção global e regional da costura, impulsionando a produção de territorialidades, conectando o novo “espaço da migração” (BAENINGER, 1999) à origem.

Uma vez alcançado o recorte espacial da pesquisa, os desafios da *vida migrante* culminam na produção de territorialidades: a do trabalho e a da moradia, a do acesso à educação e dos cuidados com a saúde, e as produzidas para os momentos de descanso. Tais territorialidades evidenciam a dinâmica migratória, a presença dos sujeitos da pesquisa no recorte espacial e sua (re) configuração territorial e, diante disso, os caminhos da pesquisa levaram à construção conceitual da “territorialização da bolivianidade” (RIBEIRO, 2021).

A produção de territorialidades articula redes migratórias e redes sociais, uma vez que são elas, entre outros fatores, que viabilizam o processo migratório e ajudam a sustentar a permanência de migrantes nos espaços da migração (BAENINGER, 1999). As redes acionadas contribuem, desta forma, para que a produção de territorialidades ocorra — a partir da criação de vínculos com o espaço e entre os sujeitos migrantes, sempre com a manutenção do vínculo com a Bolívia em um espaço transnacional da migração.

No espaço público de Ribeirão das Neves-MG, os sujeitos da pesquisa fazem-se presentes, sobretudo, na apropriação do espaço para o lazer. Os caminhos desta pesquisa permitiram a construção do conceito “territorialização da bolivianidade” (RIBEIRO, 2021), uma proposição inspirada nos “espaços da bolivianidade” de Grimson (2006). De acordo com o autor, esses espaços representam a união de migrantes bolivianas e bolivianos entre eles e com a origem, e a produção deles vincula-se estreitamente à prática laboral na indústria têxtil. Bolivianas e bolivianos na RMBH-MG vivem, nos seus momentos de descanso, o seu mundo na quadra Maura Pereira Andrade, no bairro Conjunto Henrique Saporì, a “territorialidade quadra-mundo”, que simboliza a presença boliviana perante a sociedade receptora, concretizando e evidenciando a “territorialização da bolivianidade” na RMBH-MG. Ali, os sujeitos da pesquisa se fazem presentes e são notados pelos nacionais.

A “territorialidade quadra-mundo” cumpre a função de vincular bolivianas e bolivianos, além de vincular origem e destino a partir de relações simbólicas e materiais estabelecidas nela, podendo ser classificada como principal expressão da cada vez mais consolidada “territorialização da bolivianidade” (RIBEIRO, 2021) no recorte espacial desta pesquisa. Nós esperamos, com esta pesquisa, contribuir para ampliar a visibilidade de bolivianas e bolivianos na RMBH e, principalmente, o seu acesso aos direitos dos migrantes. Que o portão da “quadra-mundo”, aberto aos interlocutores da pesquisa, represente a abertura de fronteiras.

NOTAS

¹ Entende-se como xenorracismo a xenofobia racializada dirigida aos migrantes. Este conceito foi amplamente discutido por Oliveira (2019) em sua tese de doutorado e a autora o traz para a realidade brasileira, inspirada nos autores Sivanandan (2001) e Fekete (2001) — referências internacionais na luta pelos direitos dos migrantes na Europa.

² O roteiro teve anterior aprovação pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil (número do CAAE: 00710918.4.0000.8142)

³ “A partir de pesquisas efetuadas pela Promotoria de Justiça, calcula-se que a comunidade boliviana na cidade de São Paulo reúna entre 100 mil a 150 mil pessoas, a maior parte delas trabalhando em oficinas de costuras localizadas principalmente em bairros como Pari, Canindé, Bom Retiro, Brás, Tatuapé e Belém, onde existe a maior concentração desses imigrantes”. Disponível em: <<https://nota-dez.jusbrasil.com.br/noticias/2995315/mpsp-ministerio-publico-apura-assistencia-publica-aos-imigrantes-bolivianos-em-sao-paulo>>. Acesso em: 4 jun. 2021.

⁴ Em ocasião do desenvolvimento da tese de doutorado, recorreu-se à história oral, resgatada por entrevistas gravadas junto aos migrantes e transcritas. Trechos destas entrevistas foram citados. É importante destacar que as transcrições respeitam as verbalizações, tendo sido realizadas de forma literal e direta, respeitando inteiramente a fala de cada pessoa entrevistada. Todos os interlocutores receberam nomes fictícios e tiveram suas identidades preservadas. O gênero das pessoas entrevistadas também foi respeitado. Todas as informações sobre elas são fidedignas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, G. de O.; SASAKI, E. M. Novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In: CASTRO, M. G. (coord.). **Migrações internacionais**: contribuições para políticas. Brasília, DF: CNPD, 2001. p. 615-639.

BABY-COLLIN, V. et al. Territorios bolivianos en las metrópolis españolas: Madrid y Barcelona. In: JOURNÉE D'ÉTUDE ESPAGNE DE MIGRINTER – TRANSFORMATIONS URBAINES ET MIGRATIONS DANS LES VILLES ESPAGNOLES, 4., 2011, Buenos Aires. **Anais...** [S. l.]: Programa IMITMA (CNRS-CONICET): nuevas trayectorias de la migración internacional andina en América Latina y en Europa, 2011.

BAENINGER, R. et al. (org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018. 2. ed.

BAENINGER, R. Migrações contemporâneas no Brasil: desafio para as políticas sociais. In: PRADO, E. J. P.; COELHO, R. **Migrações e trabalho**. Brasília, DF: Ministério Público do Trabalho, 2015. p. 79-86.

BAENINGER, R. Migrações internacionais no século 21: desafios para uma agenda de pesquisa. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE POBLACIÓN, 6., 2014, Lima, Perú. **Anais...** Argentina: ALAP, 2014.

- BAENINGER, R. (org.). **Migração internacional**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2013.
- BAENINGER, R. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp; FAPESP; CNPq, 2012a.
- BAENINGER, R. (org.). **Imigração boliviana no Brasil**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp; FAPESP; CNPq; UNFPA, 2012b.
- BAENINGER, R. **Região, metrópole e interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes no Brasil – 1980/1996**. 1999. 234f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.
- BASSO, P. Imigração, racismo e antirracismo na Europa de hoje. Tradução de Patricia Villen. In: TAVARES, M. A.; GOMES, C. (org.). **Intermitências da crise e questão social: uma interpretação marxista**. João Pessoa, PB: UFPB, 2013. p. 83-113.
- CASTRO, M. da C. G.; FERNANDES, D. A emigração dos haitianos para cidades brasileiras: desafios para políticas públicas de integração. In: SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 3., 2014, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG: PUC Minas, 2014.
- CORTÈS, G.; FARET, L. La circulation migratoire dans l’ordre des mobilités. In: CORTÈS, G.; FARET, L. (org.). **Les circulations transnationales: lire les turbulences migratoires contemporaines**. Paris: Armand Colin, 2009. p. 7-19.
- CORTÈS, G. Mobilités paysannes et identités territoriales dans les Andes boliviennes. In: BONNEMAISON, J. (coord.). **Les Territoires de l’identité: le territoire, lien ou frontière?** Paris: L’Harmattan, 1999. p. 259-268.
- COSTA, R. H. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2011. 6. ed.
- DAMIANI, A. A metrópole na dialética entre o território de ação estatista e o espaço de projeto político. In: SILVA, C. A.; CAMPOS, A (org.). **Metrópoles em mutação: dinâmicas territoriais, relações de poder e vida coletiva**. Rio de Janeiro, RJ: Revan; FAPERJ, 2008.
- DE LA TORRE ÁVILA, L. **No llores, prenda, pronto volveré: migración, movilidad social, herida familiar y desarrollo**. La Paz: PIEB; IFEA; UCB, 2004.
- FEKETE, L. The emergence of xeno-racism. **Race & Class**, US, v. 43, n. 2, p. 23-40, 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0306396801432003>>.
- FERNANDES, D. O Brasil e a migração internacional no século XXI: notas introdutórias. In: PRADO, E. J. P.; COELHO, R. **Migrações e trabalho**. Brasília, DF: Ministério Público do Trabalho, 2015. p. 19-40.
- FREITAS, P. T. **Projeto costura: percursos sociais de trabalhadores migrantes, entre a Bolívia e a indústria de confecção das cidades de destino**. 2014. 413f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

- GRIMSON, A. Etnicidad y clase en barrios populares de Buenos Aires. **Estudios Migratorios Latinoamericanos**, Argentina, v. 20, n. 60, p. 343-361, 2006.
- GRIMSON, A. **Relatos de la diferencia y la igualdad**: los bolivianos en Buenos Aires. Buenos Aires: Eudeba, 2005. 2. ed.
- GRIMSON, A. Relatos de la diferencia y la igualdad: los bolivianos en Buenos Aires. **Nueva Sociedad**, Argentina, n. 147, p. 96-107, 1997.
- HINOJOSA GORDONAVA, A. R. **Buscando la vida**: familias bolivianas transnacionales en España. La Paz: PIEB; CLACSO, 2009.
- HINOJOSA GORDONAVA, A. R. España en el itinerario de Bolivia: migración transnacional, género y familia en Cochabamba. In: NOVICK, S. (org.). **Las migraciones en América Latina**. Buenos Aires: Catálogos, 2008. p. 93-112.
- HISSA, C. E. V. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da Geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 2002.
- OLIVEIRA, L. M. **Imigrantes, xenofobia e racismo**: uma análise de conflitos em escolas municipais de São Paulo. 2019. 228f. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2019.
- PHELPS, E. **South-South migration**: why it's bigger than we think, and why we should care. The Migrationist: A Collaborative International Migration Blog, [S. l.], 2014. Disponível em: <<https://themigrationist.net/2014/02/06/south-south-migration-why-its-bigger-than-we-think-and-why-we-should-care/>>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. A globalização da natureza e a natureza da globalização. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2012.
- RIBEIRO, J. C. **A presença boliviana na região metropolitana de Belo Horizonte-Minas Gerais**: dinâmica migratória e (re)configuração territorial. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2021.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2011. 20. ed.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, SP: EdUSP, 2004. 4. ed., 1ª reimp.
- SASSEN, S. **As cidades na economia mundial**. São Paulo, SP: Studio Nobel, 1998.
- SASSEN, S. **The mobility of labor and capital**: a study in international investment and labor flow. New York, NY: Cambridge University Press, 1988.
- SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, SP: EdUSP, 1998.

SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, SP, v. 20, n. 57, p. 157-170, 2006.

SIVANANDAN, A. Refugees from globalism. **Race & Class**, US, v. 42, n. 3, p. 87-100, 2001.

TARRIUS, A. Intérêt et faisabilité de l'approche des territoires des circulations transnationales. In: CORTES, G.; FARET, L. (dirs). **Les circulations transnationales: lire les turbulences migratoires contemporaines**. Paris: Aarnand Colin, 2009. p. 43-51.

WALDINGER, R. The making of an immigrant niche. **International Migration Review**, New York, NY, v. 28, n. 1, p. 3-30, 1994.

RESUMO

Contemporaneamente, frente ao cenário migratório internacional — de aprofundamento das tentativas de fechamento de fronteiras — e ao contexto nacional, Belo Horizonte-MG insere-se na rota da migração e se destacam, entre os que chegam à sua região metropolitana, migrantes bolivianas e bolivianos. Inserido no Projeto Temático Observatório das Migrações em São Paulo - NEPO/UNICAMP, o presente artigo traz parte das reflexões desenvolvidas na tese de doutoramento da autora e se debruça sobre a presença boliviana na RMBH-MG, mais especificamente a (re)configuração territorial desses sujeitos, que se concretiza na “territorialização da bolivianidade” (RIBEIRO, 2021). A indústria têxtil impulsiona fluxos migratórios e mobiliza bolivianas e bolivianos à migração transnacional e, uma vez no Brasil, ocorre a migração interna. Minas Gerais e seu tradicional setor têxtil passam a contar com a presença de fluxos migratórios bolivianos. A RMBH-MG expressa a mobilidade de bolivianas e bolivianos na produção global e regional da costura, impulsionando a produção de territorialidades, e conectando o novo espaço da migração à origem. A aplicação de entrevistas qualitativas permitiu a compreensão da construção social da vida de bolivianas e de bolivianos e da relação desses sujeitos com a cidade, processo que identificamos e nomeamos como “territorialização da bolivianidade” na RMBH-MG. Em Ribeirão das Neves-MG — município na periferia desta metrópole —, a “quadra-mundo” é fruto da luta desses migrantes pela configuração de uma territorialidade, que os aproxima da Bolívia a partir da vivência de costumes originários, ressignificados ao novo contexto metropolitano mineiro. A RMBH-MG (re) configura a migração boliviana a partir de novas territorialidades produzidas pelos sujeitos da pesquisa: a do trabalho e a da moradia; a do acesso à educação e aos cuidados com a saúde; e a dos momentos de descanso e lazer — que também são culturais —, com a apropriação da “quadra-mundo”. A presente pesquisa é um convite para que as histórias bolivianas aqui iluminadas possam inspirar a luta pelo reconhecimento ao direito de migrar — previsto pela Declaração Universal dos Direitos Humanos — e sua garantia em todo e qualquer lugar do mundo.

Palavras-chave: Migrações internacionais; Migrações bolivianas; territorialização da bolivianidade; Região Metropolitana de Belo Horizonte-MG.

ABSTRACT

At the same time, given the international migratory scenario — of deepening attempts to close borders — and the national context, Belo Horizonte-MG is part of the migration route and Bolivian and Bolivian migrants stand out among those arriving in its metropolitan region. Inserted in the Thematic Project Observatory on Migration in São Paulo - NEPO/UNICAMP, this article brings part of the reflections developed in the author's doctoral thesis and focuses on the Bolivian presence in the RMBH-MG, more specifically on the territorial (re)configuration of these subjects, which is materialized in the "territorialization of Bolivia" (RIBEIRO, 2021). The textile industry drives migratory flows and mobilizes Bolivians and Bolivians to transnational migration and, once in Brazil, internal migration occurs. Minas Gerais and its traditional textile sector now have the presence of Bolivian migratory flows. The RMBH-MG expresses the mobility of Bolivians and Bolivians in the global and regional production of sewing, boosting the production of territorialities, and connecting the new space of migration to its origins. The application of qualitative interviews allowed the understanding of the social construction of Bolivian and Bolivian women's lives and the relationship of these subjects with the city, a process that we identified and named "the territorialization of Bolivianity" in the RMBH-MG. In Ribeirão das Neves-MG – a municipality on the outskirts of this metropolis – the "quadramundo" is the result of the struggle of these migrants for the configuration of a territoriality, which brings them closer to Bolivia from the experience of original customs, re-signified to the new metropolitan context miner. The RMBH-MG (re)configures Bolivian migration from new territorialities produced by the research subjects: work and housing, access to education and health care, and moments of rest and leisure — which are also cultural —, with the appropriation of the "world-quad". This research is an invitation so that the Bolivian stories illuminated here can inspire the struggle for the recognition of the right to migrate — provided for by the Universal Declaration of Human Rights — and its guarantee in any and all places in the world.

Keywords: International migrations; Bolivian migrations; Territorialization of Bolivia; Metropolitan Region of Belo Horizonte-MG.